

Não me busques, em vão, na gelidez das lousas!
Transfunde-me a lembrança em pão que reconforte
A quem viva de fel na aflição que te espia...

Procura-me na dor do caminho em que pousas
E esparze em tudo o bem, porque a bênção da morte,
14 Que me acordou na luz, há-de acordar-te um dia...



em fins do século XIX, lutou pela participação da mulher nas lides literárias, contra um meio adverso nesse sentido. No prefácio à sua obra *Impressões*, Inês Sabino Pinho Maia fez esta judiciosa observação: «Retirem-se do manto estrelado da poesia os salpicos do ideal, que um livro de versos não passará de um compêndio enjoativo das verdades amargas que nos rodeiam acremente por toda a parte.» O *Jornal do Commercio*, do Rio, em seu número de 14 de Setembro de 1911, destacou-lhe a «grande nobreza de sentimento», o «espírito caridoso e esmoler» e a real estima de que ela gozava na sociedade, «pela sua inteligência e fina educação». (Pernambuco, 31 de Dezembro de 1853 — Rio de Janeiro, Gb, 13 de Setembro de 1911.)

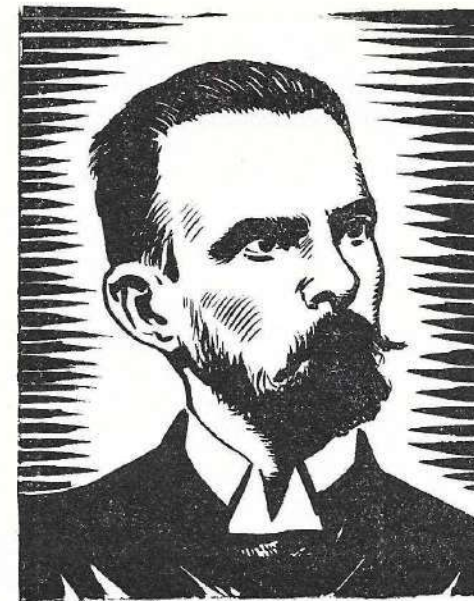
BIBLIOGRAFIA: *Ave Libertas*, poemeto; *Rosas Pálidas*, versos (1ª Série); *Impressões*, versos (2ª Série); *Contos e Lapidações*; etc.

1. Enumeração.

6. Antítese.

14. Poliptoto: "Que me acordou..., há-de acordar-te..."

RAIMUNDO da Mota de Azevedo CORREIA *



BAGATELA

O vento corre uivante e desempedra
Alvo seixo engastado na montanha.
A pedra solta cai sobre outra pedra,
Brotam faíscas de uma luz castanha...

Novo golpe do vento e o fogo medra
Na alfombra ressequida, em doida sanha...
Há luta que se alteia e se desmedra
No incêndio arrasador em fúria estranha...

(*) Para Manuel Bandeira, RC «certamente é o maior artista do verso que já tivemos». «O maior dos parnasianos,» — afirma Agrippino Grieco — «e um dos poucos que tiveram íntima sensibilidade, foi Raimundo Correia.» Exerceu cargos de magistratura, administração e diplomacia, e foi professor da Faculdade de Direito de Ouro Preto. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Ronald de Carvalho (*Pequena Hist. Lit. Bras.*, pág. 295) declara que o poeta, «por suas ten-

- Mais forte zune o vento e a tudo encrispa,
10 Sobem chamas cruéis de chispa em chispa...
O homem chora a perda sementeira...

- Também no mundo é assim... Por bagatela
13 Surge a paixão que se desencastela,
14 Queimando a safra de uma vida inteira...



dências à meditação e seu entranhado amor aos problemas íntimos da consciência, ficou mais perto da *anima rerum* que os seus companheiros». «Em sua arte poética existia algo de nobre e superior, dentro de uma emoção nunca transbordante, mas sempre vigiada pelo senso crítico.» (A. Lins e A. B. Hollanda, *Rot. Lit.*, II, pág. 611.) (A bordo do vapor brasileiro *San' Luiz*, barra de Mangunça, Município de Cururupu, Maranhão, 13 de Maio de 1859 — Paris, 13 de Setembro de 1911.)

BIBLIOGRAFIA: *Primeiros Sonhos*; *Sinfonias*; *Versos e Versões*; etc.

10. Observe-se a onomatopeia, acentuando a ideia de incêndio: "*chamas cruéis de chispa em chispa.../ O homem chora...*"

13. "Surge a paixão que se desencastela". Este decassílabo sáfico com acento secundário na 8ª sílaba, conquanto venha de um parnasiano, não constitui inovação na poética de Raimundo Correia. Pelo menos é o que depreendemos dos exemplos seguintes, colhidos em sua *Poesia Completa e Prosa*:

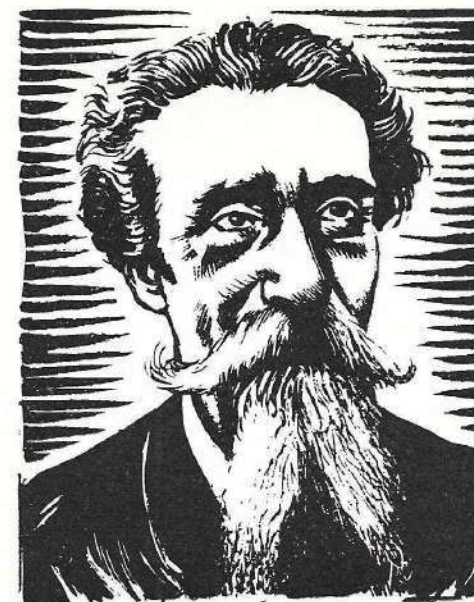
— "Por sobre as águas indolentemente" (Verso 14º do soneto "Ofélia", páginas 145-146);

— "De escuma, e raios e fosforescências..." (Verso 18º do poema "O Dia acorda! Deus por uma fresta", de *Versos e Versões*, pág. 190);

— "Vi-te no céu; e, enamoradamente," (Verso 2º do soneto "Beijos do Céu", pág. 301).

14. O tema deste soneto — "Bagatela" — corresponde às características apontadas por Péricles Eugênio da Silva Ramos, sobre a poesia de RC: "As características de sua poesia são, pelo fundo, um agudo sentimento da transitoriedade das coisas e insolúvel pessimismo; e, pela forma, perceptível senso das virtualidades vocabulares. Sempre foi considerado um dos grandes do parnasianismo; e não há por que rever essa posição." (*Pan.* III, págs. 77-78.)

Raimundo Antônio de BULHÃO PATO *



EPISTOLA

DO

ALÉM

Abisma-se minha alma aos impulsos da prece,
Fitando a dor além que a muitos entristece...

- 3 Pelos campos da morte onde o mal prepondera,
O ente humano enfermiço agita-se qual fera.

A voragem hiante eletriza e arrebatada
O espírito rendido à revolta insensata.

Na grande inquietação do ser que a tudo anela
E que descobre, alfim, que a carne se esfacela,

(*) Poeta, prosador e tradutor português, Bulhão Pato pertenceu à Academia das Ciências de Lisboa, tendo ido para Portugal com apenas 9 anos de idade. Afirma João Gaspar Simões que o poeta, amigo dileto de Alexandre Herculano, frequentou a roda dos maiores escritores da época. Poeta harmonioso, espontâneo e apaixonado, foi, segundo Mendes dos Remédios (*Hist. Lit. Port.*, pág. 582), «o último representante da